

FÓRUM DE GÁS DO MEDITERRÂNEO ORIENTAL: CONVERGÊNCIA DE PREOCUPAÇÕES DE SEGURANÇA ENERGÉTICA E REGIONAL

Stefy Joseph¹

Aneetta Thomas Peedikayil²

Introdução:

Thomas Malthus, um pensador britânico do século XIX, enfatizou apropriadamente o poder da humanidade em criar condições para sua subsistência na terra (Belyi, 2015). Isso pode ser contextualizado nas aspirações dos Estados do Mediterrâneo Oriental em alimentar suas economias devido às descobertas de gás natural na região. A bonança do gás natural atingiu a região do Mediterrâneo Oriental no início dos anos 2000 com o campo offshore de Gaza Marine (Palestina), os campos Leviathan e Tamar (Israel), o campo Afrodite (Chipre) e o campo de gás Zohr (Egito).

Este foi um divisor de águas para as economias regionais que buscavam melhorar suas perspectivas econômicas. Dada a crescente demanda por gás natural e energia renovável, juntamente com a intensa concorrência de *players* estabelecidos nos mercados internacionais de energia, as economias regionais acharam prudente reunir seus recursos e estabelecer uma organização regional para atender aos seus interesses comuns. Como resultado, os ministros de energia de Chipre, Egito, Grécia, Israel, Itália, Jordânia e da Autoridade Nacional Palestina decidiram conceber o Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental (*East Mediterranean Gas Forum* — EMGF³) em janeiro de 2019 (Winter e Gallia, 2020).

1 Professor assistente no Departamento de Estudos Internacionais da Christ University of Bangalore, Índia. E-mail: stefy.joseph@christuniversity.in

2 Mestrando em Estudos Internacionais na Christ University of Bangalore, Índia. E-mail: aneemerig6@gmail.com

3 Nota do tradutor: Optou-se por manter a sigla original, em inglês, para padronização.

Essas convergências têm influência nas crescentes bases energéticas do Egito na região, dada sua localização estratégica na conexão da Europa, Ásia Ocidental e Norte da África a um subsistema regional de segurança energética (Tziampiris, 2019). Assim, o Fórum Regional melhorou a posição geopolítica da parte oriental do Mar Mediterrâneo como uma ‘região’ (Stivachtis, 2019).

No entanto, tais desenvolvimentos ameaçaram os interesses da Turquia na região, especialmente sobre segurança energética. Assim, a Turquia estabeleceu a necessidade de se afirmar nas disputas regionais que foram percebidas como desafio de segurança regional por membros específicos do EMGF. As interações relacionadas à energia inevitavelmente aprofundam suas relações de securitização ou dessecuritização nos setores políticos e potencialmente militares (Adamidas e Odysseas, 2015). À luz das recentes manobras da Turquia, torna-se, portanto, imperativo compreender as convergências que têm ocorrido no contexto da segurança energética e regional no seio do EMGF.

Como a insegurança energética continua a ser uma característica iminente da segurança energética, ela pode simultaneamente influenciar a securitização de objetos não referentes à energia em outros setores (Adamidas e Odysseas, 2015). Isso nos leva a examinar os fundamentos geopolíticos por trás da formação do EMGF que, em geral, afetaram a região como um todo. O Egito, protagonista da região, sempre desempenhou um papel fundamental na construção de relações baseadas na segurança energética e regional e, por isso, as suas relações com a Grécia, Chipre, Israel, França, Itália e União Europeia carecem de análise na sequência do estabelecimento do EMGF. O EMGF manteve-se como o pilar central na compreensão da economia política internacional por detrás das convergências energéticas e de segurança regional dos referidos Estados membros. A realização deste estudo teve como objetivo apontar as insuficiências na constituição do EMGF que inevitavelmente moldaram a geopolítica da região.

A Evolução do Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental

Os líderes de Chipre, Egito, Grécia, Israel, Itália, Jordânia e da Autoridade Nacional Palestina se reuniram para assinar uma carta estabelecendo intergovernamentalmente o Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental em setembro de 2020 (Reuters, 2020). Com sede no Cairo, o fórum tornou-se uma arena para ampliar a cooperação energética entre os Estados membros e estabelecer um mercado regional de gás. Com os interesses das empresas francesas e italianas investidos nos campos offshore da região do

Mediterrâneo Oriental (Leigh e Charlotte, 2012; Lerman, 2019), sua inclusão na associação do fórum (Aydintasbas et al. 2020) era imperativa. Também é importante observar que o fórum foi consolidado no contexto da cooperação energética entre o Egito e Israel, bem como das cúpulas trilaterais do Egito e de Israel com os membros da União Européia (UE) (Grécia, Chipre), respectivamente (Al Jazeera, 2020; Embassy of Greece in Israel, 2018; Press and Information Service, 2019).

A conferência de Madri (1991) e o processo de Barcelona (1995) foram alguns esforços liderados pela UE que não tiveram sucesso em culminar a cooperação econômica entre as economias mediterrâneas (Soliman, 2011). As descobertas de gás natural nos campos offshore de Gaza (Palestina) (OQ, s.d.), Leviatã e Tamar (Israel), Afrodite (Chipre) e Zohr (Egito) foram um divisor de águas (Ellinas 2019) que sinalizaram a cooperação econômica na região. À luz de tais desenvolvimentos, Israel e o Egito procuraram estender sua cooperação de segurança existente na região do norte do Sinai e da Faixa de Gaza para a arena de energia, resolvendo uma disputa de arbitragem internacional (2012) entre eles (The Jerusalem Post, 2019; The Times of Israel, 2019).

Como resultado, Israel começou a exportar gás natural para o Egito com uma estratégia dupla: a) garantir um mercado regional utilizando a infraestrutura de gasoduto existente entre eles b) utilizar as duas instalações de processamento de gás natural liquefeito (GNL) do Egito para reexportar para a Europa até o construção do gasoduto *East Med Gas* (EMG) (Reuters, 2020). O gasoduto EMG, no valor de 6 bilhões de euros, deve ser concluído até 2025 (Greek City Times, 2020). Destinado a chegar à Europa a partir da costa israelense, a decisão de construir o gasoduto foi acordada por Chipre, Grécia e Israel em sua sexta cúpula trilateral (março de 2019), juntamente com a decisão de construir o Interconector Euro-Ásia, uma rede elétrica submarina para os mercados europeus (EuroAsia Interconnector, 2020).

Na mesma época, o desejo da Grécia e Chipre de se envolver com o Egito também aumentou devido às maiores descobertas de gás do Egito, em 2015, e sua posição regional geral como um 'exportador de gás natural' (State Information Service, 2020). As cúpulas trilaterais resultantes entre Chipre, Egito e Grécia se estenderam da cooperação na exploração de seus campos de gás offshore (State Information Service, 2019) para a construção do Interconector Euro-África, outro cabo submarino de eletricidade para a Europa para impulsionar exportação de energia (EuroAfrica interconnector, 2019).

Além disso, a participação da Jordânia no fórum decorre de suas relações energéticas com o Egito por meio do gasoduto árabe (AFESD, s.d.). Notavelmente, a inclusão da Autoridade Nacional Palestina como membro do

EMGF é fundamental, pois é a primeira organização regional pela qual Israel e a Autoridade Nacional Palestina compartilharão espaço, apesar da proibição imposta por Israel aos direitos de exploração à Autoridade Nacional Palestina em 1999 nos campos offshore de Gaza (Henderson, 2014).

No entanto, a exclusão da Líbia, Líbano, Síria e Turquia dos membros do fórum lança luz sobre a perspectiva dos membros existentes do fórum de excluir países hostis ou politicamente instáveis. Assim, o pretexto de organizar uma indústria emergente de gás natural em nome da segurança energética lançou uma sombra sobre as perspectivas dos hidrocarbonetos na região do Mediterrâneo Oriental conhecida por seus conflitos historicamente infames (Litsas, 2018). Isso justifica a necessidade de examinar as dimensões da segurança energética que se tornaram instrumentais por trás da formação de tal organização regional.

Dimensões da segurança energética que sustentam o EMGF

A segurança energética refere-se à capacidade dos Estados de manter o fornecimento ininterrupto de energia em relação à demanda a preços acessíveis e relativamente estáveis, sem aumentos súbitos e significativos de preços (Adamidas e Odysseas, 2015). Como a segurança energética pode ser examinada em múltiplas dimensões, nomeadamente teorias políticas, militares, econômicas, técnicas e acadêmicas, o estudo optou por se concentrar nas dimensões abaixo mencionadas, em que as dimensões acima mencionadas podem ser vistas como desenvolvendo convergências em vários pontos no tempo.

Os expressivos instrumentos energéticos do Egito

Em economias centralizadas como a do Egito, por exemplo, as instituições têm desempenhado um papel crucial na formação de recursos e mercados de energia (Belyi, 2015). A estratégia de modernização do governo egípcio (International Trade Administration, 2020) em termos de desempenho de produção, refino, distribuição, planejamento de recursos empresariais e capacitação de recursos humanos (Cingoli, 2016) delineou seu papel na promoção de seus recursos e mercados de energia. Relações Internacionais e Estudos de Segurança contribuíram para o desenvolvimento de teorias de segurança energética em que a dependência energética continua sendo uma grande preocupação de segurança, especialmente de uma perspectiva

realista clássica devido à ausência de uma autoridade abrangente em termos de governança energética global (Belyi, 2015). Assim, Susan Strange, uma estudiosa proeminente da Economia Política Internacional (EPI), delineou quatro estruturas primárias da EPI, a saber, conhecimento, produção, finanças e segurança (Belyi, 2015). Das quatro estruturas primárias, a estrutura de segurança atende principalmente à dimensão de segurança energética, que inclui políticas de autossuficiência, interação com outros estados, cooperação e conflitos (Belyi, 2015).

A elasticidade nos mercados de energia se deve à competição intercombustível que tem aumentado em relação à geração de energia (Belyi, 2015). Isso coloca as descobertas de gás natural do Egito em Zohr (849,5 milhões de metros cúbicos por dia⁴), Nooros (32 milhões de metros cúbicos por dia) e East Delta (350 milhões de metros cúbicos por dia), juntamente com uma mistura de fontes renováveis, usinas a carvão e importações de gás natural de Israel (International Trade Administration, 2020) no centro das atenções da dinâmica em mudança dos mercados internacionais de energia. Além disso, a administração do Egito sobre o Canal de Suez, gasoduto Suez-Mediterrâneo (SUMED) e as infraestruturas de GNL em Idku e Damietta (Alterman, Conley e Malka, 2018) se mostraram complementares no aproveitamento da produção doméstica de energia do Egito. Dada a diversidade de produção e distribuição de energia e com base nos dados fornecidos pelo *Fitch Solutions Egypt Power Report, 2020* (Enterprise, 2020), as tentativas de alcançar a autossuficiência na geração de fontes mais limpas de eletricidade tornaram-se o principal objetivo do governo egípcio. Isso levou o *Standard Chartered Bank* a prever em 2019 que ‘o Egito ocuparia a sétima posição entre as dez principais economias nos próximos dez anos’ (Enterprise, 2020).

Como o conceito de soberania é fundamental para a dimensão da segurança energética sob a estrutura de segurança da EPI, a credibilidade do Egito nas exportações de eletricidade para a Jordânia e a Líbia (Galal, 2019) reforçou os investimentos árabes e europeus na geração de eletricidade do Egito. Entre eles, destacam-se o projeto de interconexão (2013) com a Arábia Saudita (Mahmoud, 2020), projeto do interconector Euro-Africa de 2.000 megawatts para a Europa (EuroAfrica Interconnector, 2020), parques eólicos como West Bakr, Ras Ghareb, Gabal al- Zeit (com 300 turbinas eólicas), projetos solares no Delta do Nilo Ocidental, Zafarana, Benban (Enterprise, 2020) e a construção de usinas elétricas da Siemens (2018) que produziram um excedente de 20.000 megawatts (Galal, 2019). Tais desenvolvimentos inevitavelmente alimentaram o desejo do Egito de se tornar um centro

⁴ Nota do tradutor: Definiu-se por converter o resultado para padronizar as escalas. No original: “30 trillion cubic feet”.

regional de energia (State Information Service, 2020), envolvendo-se na diplomacia energética com as regiões próximas, como Europa, Ásia Ocidental e África (Pedersen 2014).

À medida que as licitações para potenciais compradores na África continuam, o Egito tem como objetivo decisivo aumentar sua ‘participação de energia renovável para 20% em 2022’ (Egypt Today, 2020), que está em sintonia com a ‘Visão 2030’ do Egito, que prevê políticas de desenvolvimento sustentável como no que diz respeito à segurança energética (Arab Republic of Egypt, 2020). Tais desenvolvimentos positivos para o Egito levaram a relações melhores com a UE, evidenciadas durante a ‘primeira Cúpula da Liga dos Estados Árabes da UE’ (Egypt Today, 2019), cúpulas trilaterais, bem como compromissos multilaterais no estabelecimento do EMGF, aprimorando os apartados de poder regional do Egito. Em particular, isso trouxe desafios para a Turquia, para quem a segurança energética é tanto uma questão econômica quanto de segurança (Sotiriou, 2020). Assim, é fundamental compreender o papel da Turquia na região do Norte de África devido ao seu envolvimento no conflito da Líbia que coincidiu com a formação do EMGF.

O papel da Turquia no conflito na Líbia

A Líbia, que havia sido um pródigo Estado petrolífero sob a benevolente ditadura de Muammar Qadhafi, mergulhou no caos devido à intervenção da OTAN após a Primavera Árabe (2011). As divergências nos arranjos de compartilhamento de poder consequentemente levaram à formação de dois governos divisionais. A divisão ocidental com sede em Trípoli é reconhecida globalmente como o Governo de União Nacional (GUN), enquanto a divisão oriental com sede em Tobruk é liderada pelo Exército Nacional da Líbia (ENL) sob o comando do general Khalifa Haftar (Eljarh, 2020). A divisão oriental, amplamente apoiada pelo Egito, França, Rússia e Emirados Árabes Unidos, lançou uma ofensiva contra a divisão ocidental em abril de 2019 (ABC NEWS, 2020). Os ganhos estratégicos obtidos pela divisão oriental ficaram ameaçados quando a Turquia decidiu unir forças com a divisão ocidental no final de 2019 (Lindenstrauss, 2019). A trajetória da Turquia no sentido de se alinhar com territórios problemáticos e apoiar seus interesses nacionais ficou evidente por meio de suas intervenções no estabelecimento da República Turca do Chipre do Norte (RTCN, 1974) reconhecida apenas pela Turquia e Síria (2016) para impedir que os grupos étnicos curdos se afastassem do poder do governo de Assad. No entanto, a entrada da Turquia na região do Norte de África deveu-se em grande parte ao receio de ter de perder uma oportunidade de explorar as perspectivas de recursos energéticos face às recentes descobertas de gás

natural na região (Sotiriou, 2020).

A paciência da Turquia começou a diminuir com a crescente importância dada aos acordos de delimitação marítima por seus adversários, que restringiam sua capacidade de explorar recursos energéticos mais próximos de suas águas territoriais. Exemplos incluem os ‘acordos de delimitação marítima entre a Grécia e o Egito’ (2020) (The New York Times, 2020), Chipre e Egito (2003), Chipre e Israel (2010) e entre Chipre e Líbano (2007) todos que permanecem não reconhecidos pela Turquia (Stocker, 2012). Esses acordos, ao mesmo tempo em que desencadeiam a corrida para estabelecer suas respectivas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEEs), também influenciam as questões contenciosas que alguns dos vizinhos da Turquia têm contra ela. Entre eles, destacam-se a legitimidade política em relação ao RTCN com Chipre e Grécia, o incidente de Mavi Marmara com Israel e o não reconhecimento do golpe do Egito pelo governo de Abdel Fateh El-Sisi após a primavera árabe (Prontera e Mariusz, 2017; Greek City Times, 2020). Tais laços rompidos com a Turquia resultaram no descongelamento das relações entre os vizinhos do Mediterrâneo Oriental, nomeadamente Grécia, Chipre, Israel, Egito e, mais tarde, França e Itália devido às suas empresas petrolíferas. Os mecanismos trilaterais, bilaterais e multilaterais (através do estabelecimento do EMGF) na cooperação energética tentaram, assim, criar condições que prejudicariam as credenciais da Turquia, tanto como uma porta de entrada da energia quanto como uma potência regional. Portanto, tornou-se imperativo para a Turquia interromper o progresso das cúpulas cooperativas cortando seus problemas pela raiz.

Em uma tentativa de legitimar as reivindicações da Turquia às ZEEs, os acordos de delimitação marítima da Turquia com o GUN da Líbia (2019) e a RTCN (2011) (Pinko 2020; Forbes, 07 de fevereiro de 2020) resultaram na sobreposição de suas ZEEs com as da Grécia e Chipre. Além disso, o apoio militar da Turquia à divisão ocidental na Líbia deve ser entendido à luz de sua necessidade de securitizar sua reivindicação na competição regional referente às ZEEs, bem como explorar opções para diversificar sua segurança energética através das reservas da Líbia (Fouad, 2019). Ao ‘matar dois coelhos com uma cajadada só’, a Turquia foi capaz de atrair as perspectivas de construção do duto EMG da costa israelense, alterando a dinâmica de poder da divisão ocidental por meio de seu apoio militar no conflito da Líbia, um teatro predominantemente controlado pelos atores tradicionais, como Egito, França e Emirados Árabes Unidos (Ay dintasbas et al. 2020).

As estratégias da Turquia têm influência de sua grande dependência energética da Rússia, tendo a Turquia tentado diversificar de acordo com o Plano Estratégico (2015-19) (Bechev, 2020), procurando hidrocarbonetos em

potencial no Mar Negro e no Mar Mediterrâneo. Com grandes ‘descobertas de gás natural no Mar Negro’ (Al Jazeera, 2020), o ‘Programa Presidencial Anual da Turquia’ (2020) garantiu a prospecção de hidrocarbonetos nas ZEEs contestadas da Grécia e Chipre (Daily Sabah, 2020). Isso gerou alarme entre os competidores da Turquia, alimentando a formação de uma “aliança de cinco nações composta por Egito, Grécia, Chipre, Emirados Árabes Unidos e França” (The Associated Press, 2020). Assim, na sequência da crescente assertividade da Turquia, as convergências ao longo das diretrizes de segurança regional e energética tornaram-se o impulso final para a formação do EMGF (S&P Global Platts, 2020).

Convergência das preocupações de segurança regional e energética

A securitização de um conflito ajuda parcialmente a entender as diferentes perspectivas sobre a interdependência nas Relações Internacionais energéticas (Belyi 2015). Assim, dissecar o termo ‘securitização’ de acordo com a interdependência positiva e negativa de Robert Keohane, pode ajudar a discernir o raciocínio por trás da formação do EMGF. Para obter uma melhor compreensão do problema, o artigo pretende se concentrar no Egito, Grécia, Chipre, Israel, França, Itália e UE para estudar a dinâmica por trás do desdobramento de interdependências positivas e negativas no contexto das metas de segurança energética em meio a preocupações de segurança regional. Começando com ‘interdependência positiva’, representa uma situação em que os estados estão dispostos a depender uns dos outros para criar uma situação de governança mais profunda (Belyi, 2015) que foi observada na ampla cooperação entre Egito, Grécia, Chipre e Israel na formação do EMGF para enfrentar os desafios de segurança regional colocados pela Turquia (Wolfrum, 2020).

O Egito, que foi pioneiro em todo o processo de formação de um fórum regional baseado em energia, tem uma história de relações energéticas com seus vizinhos, especialmente a Líbia. Isso pode ser rastreado até o setor de energia do Egito, que cresceu imensamente durante o reinado de Muammar Qadhafi na Líbia, cujos investimentos ardentes (Arafa e Mieczyslaw, 2017) levaram o Egito a desfrutar de exportações abundantes de energia até a Primavera Árabe (Piera, 2020). No entanto, com a guerra civil em andamento na Líbia, a fronteira porosa do Egito com o país continua sendo uma ameaça perene à segurança devido aos temores do Egito de que possa haver um possível transbordamento de atividades terroristas para o oeste do Egito (Arafa e Mieczyslaw, 2017). Com o Egito lutando contra atividades terroristas na região do norte do Sinai (Arafa e Mieczyslaw, 2017), enquanto experimenta

uma enxurrada de investimentos em seu setor de energia, administrar o conflito na Líbia continua sendo um dos principais objetivos da política externa do Egito (State Information Service, Egypt, 2020).

Isso explica o apoio diplomático do Egito ao Exército Nacional Líbio, que é fundamental, pois a divisão oriental da Líbia controla a maior parte das reservas de energia que, se interrompidas, podem criar mais caos (Fouad, 2019). Assim, o pedido de cessar-fogo do Egito (ABC NEWS, 2020) e a participação ativa no Processo de Berlim (Xinhua, 2020) e a Declaração do Cairo (State Information Service, 2020) enunciam a política externa do Egito para engajar nos processos de *state-building* da Líbia para garantir a paz e a estabilidade (Mühlberger, 2016) na região do norte da África. As ações do Egito após a entrada da Turquia no conflito, pedindo uma ‘intervenção militar na Líbia’ (Egypt Today, 2020) e o apoio ruidoso à aliança das cinco nações mostram tentativas de consolidar o papel do Egito no conflito (Xinhua, 2020) como mediador e ator regional prudente, no norte da África, em relação à Turquia.

As ações do Egito decorrem de sua demonstração de indispensabilidade prestada durante os processos de paz realizados pela ONU no Marrocos (Arafa e Mieczyslaw, 2017) devido a seus laços vibrantes com a divisão oriental da Líbia. Assim, a suscetibilidade do Egito em ser tanto um aliado regional quanto um contrapeso significativo para equilibrar a Turquia resultou na escolha do Egito como sede do EMGF. Isso se refletiu na ampliação das apostas nas interdependências positivas de Israel, Grécia e Chipre com o Egito, dada a amizade deste último com as potências regionais e não regionais, como, EUA, UE, Rússia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos (Eljarh, 2020). Isso faz com que o Egito se torne um país com uma cobertura que o garanta potencialmente contra os desafios de segurança regional colocados pela Turquia em suas respectivas ZEEs, bem como em receber o impulso necessário para sustentar suas agendas de segurança energética por meio do EMGF.

Portanto, para os pontos de trânsito entre Grécia e Chipre, o gasoduto EMG continua a ser chave para entregar suas disposições econômicas enquanto busca a desvinculação da Turquia. Na verdade, isso se deve à animosidade compartilhada pela Turquia, dada a intervenção militar deste último no Chipre em 1974, resultando na criação de fronteiras marítimas controversas com ela. Adicionar combustível à animosidade tem sido o desejo da Turquia para as operações de exploração nas ZEEs da Grécia e Chipre (Aydintasbas et al. 2020), criando desafios de segurança regional para a Grécia e Chipre. Como a Turquia continua não signatária da UNCLOS, ela não reconhece o direito das ilhas de desfrutar de ZEEs (Sotiriou, 2020),

como é o caso da Grécia e Chipre que possuem ilhas como parte de seus limites políticos. Como Chipre é um país insular com uma população de etnia grega e o epicentro do gasoduto EMG, a escolha de Nicósia para secretaria permanente para as cúpulas trilaterais entre Israel, Grécia e Chipre e entre Egito, Grécia e Chipre lança luz sobre sua importância geoestratégica (Pedi, 2019) tanto em termos de energia quanto de segurança regional em relação à Turquia. Assim, a Grécia e Chipre optaram por apoiar o Egito, estendendo a cooperação por meio de cúpulas trilaterais, acordos de delimitação marítima (Lindenstrauss, 2019) e adesão ao EMGF. A decisão de ingressar na aliança de cinco nações consolida ainda mais suas interdependências positivas com o Egito, de modo a garantir seus interesses econômicos e nacionais, sendo o caso em questão as contestadas ZEEs com a Turquia.

A escolha de Israel em permanecer neutro por estar ausente da aliança de cinco nações que inclui Grécia, Egito e Chipre no conflito da Líbia explica a geoestratégia de Israel em apreciar as proezas regionais do Egito na região do norte da África (Lerman, 2019) enquanto garante seu mercado para exportações de gás natural para o Egito. Além disso, a decisão de Israel de cooperar no gasoduto EMG foi de natureza puramente econômica, dada a sua reaproximação com a Grécia e Chipre, que ocorreu no contexto de relações degradadas com a Turquia devido ao incidente de Mavi Marmara (Prontera e Mariusz, 2017). Isso se deveu às bases recém-descobertas de Israel para as exportações de gás natural e eletricidade. Mas com as operações de perfuração da Turquia na disputada ZEE do Chipre, que fica perto dos campos de gás israelenses, sua percepção de ameaça à segurança da Turquia inevitavelmente combinou com a do Chipre e da Grécia. Assim, as cúpulas trilaterais entre eles sinalizaram a necessidade de criar interdependências positivas na segurança regional no que diz respeito à segurança energética (Embassy of Greece in Israel, 2018; Information Service, Cyprus, 2019). Como resultado, a adesão de Israel ao EMGF e seu envolvimento com os vizinhos da Turquia apontam para a crescente onda de interdependências negativas no que diz respeito às relações energéticas com a Turquia.

Essa correlação entre as interdependências positivas e negativas na região aponta para o fato de que as partes interessadas podem ser tendenciosas, manipuladoras ou mal informadas, levando a refletir sobre o elemento de irracionalidade em suas escolhas políticas (Belyi 2015). Nessa nota, os estudiosos estão certos ao observar as tensões entre a necessidade de segurança do abastecimento dos Estados dependentes e a necessidade de segurança da demanda dos Estados produtores (Belyi 2015). A este respeito, o esforço da França e da Itália no sentido de conduzir a UE para o EMGF continua a ser fundamental, dada a presença de suas empresas petrolíferas na

região (Aydintasbas et al. 2020; Alterman, Conley, e Malka, 2018).

O aumento do interesse da França e da Itália na adesão ao EMGF continua a ser para investimentos em infraestrutura de energia nos estados membros do EMGF. Entre eles, destacam-se o envolvimento da Itália na construção do gasoduto EMG (Energy Egypt, 2020), Eni (Piera, 2020), Electricite de France, Engie (Energy Egypt, novembro de 2019; Energy Egypt, dezembro de 2019) e os investimentos da *Agence Française de Développement* (AFD, 2020) nos projetos de infraestrutura de energia renovável do Egito. Curiosamente, Barry Buzan e Ole Waever caracterizaram os Complexos Regionais de Segurança (CRSs) como tendo uma relação interestadual flexível, em que os Estados podem fazer parte de dois ou mais CRSs, que também podem se sobrepor geograficamente (Belyi, 2015).

Assim, a força motriz dos CRSs são as relações de inimizade e amizade entre os Estados dentro do complexo, e não o equilíbrio de poder que resulta em integração de segurança regional (Adamidas e Odysseas, 2015). Essa flexibilidade das relações interestatais dentro de dois CRSs levou ao desenvolvimento de interdependências positivas da França e da Itália com outros membros da UE, Chipre e Grécia, permitindo-lhes solicitar conjuntamente as sanções de fevereiro de 2020 contra a Turquia devido às atividades generalizadas deste último nas águas do Mediterrâneo Oriental e Líbia (Council of the EU, 2020). Assim, dado o descontentamento generalizado dos estados do EMGF contra a Turquia, torna-se fundamental entender os gatilhos por trás da formulação de interdependências negativas na região.

‘Interdependência negativa’ representa, aqui, uma situação em que os Estados mostram relutância em serem dependentes uns dos outros, resultando no surgimento de problemas de segurança energética (Belyi 2015). Isso foi particularmente testemunhado no caso de manter laços de base energética com a Turquia, que parece isolada do aprofundamento das interdependências positivas na região. Sejam as ações da Turquia na negociação de um acordo de fronteira marítima com o GUN ou suas atividades nas ‘águas contestadas da Grécia e Chipre’, elas foram ambas ‘denunciadas como inválidas’ sob a lei internacional pela divisão oriental da Líbia, bem como pela aliança de cinco nações (Eljarh, 2020; Aydintasbas et al. 2020).

À luz de tais desenvolvimentos, a posição da UE como observador no EMGF (S&P Global Platts, 2020; Ministry of Petroleum and Mineral Resources, 18 de maio de 2020) não pode escapar de devida consideração. A UE enviou representantes para as reuniões do grupo de trabalho de alto nível realizadas no âmbito do EMGF (Ministry of Petroleum and Mineral Resources, 20 de maio de 2020), o que indica as principais preocupações de segurança energética da UE decorrentes de sua dependência do fornecimento

de energia da Rússia (Belyi, 2015). Com descobertas de hidrocarbonetos tão perto da Europa, como no Norte de África e na região do Mediterrâneo Oriental, a UE procurou criar interdependências positivas na região, procurando uma alternativa aos abastecimentos russos que estão atualmente a ser transportados através da Turquia (gasoduto Turk Stream) (Alterman, Conley e Malka, 2018).

Assim, a UE, ao tornar uma interdependência negativa com a Rússia e a Turquia, procurou equilibrá-la por meio de interdependências positivas por meio de investimentos no segmento de energia renovável do Egito e financiamento para o gasoduto EMG. Com a crescente assertividade da Turquia na Líbia e as contenciosas ZEEs dos membros da UE, Grécia e Chipre, a UE foi forçada a tomar uma posição ao lado dos estados membros do EMGF, devido aos seus interesses geoestratégicos na região. Barry Buzan, em seu livro *'Peoples, States and Fear'*, pediu uma reavaliação do termo 'securitização', que é uma reação não linear a uma ameaça (Belyi 2015). Com base no argumento de Buzan, as ações da UE de fato tiveram uma reação não linear ao se envolver nos exercícios militares conjuntos Medusa 9 em novembro de 2019 (Greek City Times, 2019) e na Operação Irini para impor um embargo de armas na Líbia, em abril de 2020 (EEAS, 2020), para garantir a paz regional e a diversificação energética.

Assim, podem inferir-se dois resultados das dimensões de segurança energética subjacentes ao EMGF acima mencionadas:

a) A cooperação energética tem sido necessária com atores estatais que estejam dispostos a desenvolver relações amistosas tanto bilateral quanto multilateralmente. Os acordos de delimitação marítima, exploração de energia e arranjos de infraestrutura têm sido indicadores claros a esse respeito. Assim, o estabelecimento do EMGF continua a ser fundamental para consolidar os papéis dos Estados membros como atores energéticos nas crescentes bases energéticas da região.

b) A ausência de Turquia, Síria, Líbano e Líbia como membros do EMGF indica a cautela dos Estados membros em assumir riscos com países hostis ou politicamente instáveis. A ausência de não membros durante as negociações intergovernamentais deveu-se, na verdade, à relutância dos Estados membros do EMGF em incluí-los nos mecanismos trilaterais e bilaterais. Esses mecanismos, por sua vez, aumentaram o desenvolvimento de interdependências negativas na região, exacerbando assim os desafios de segurança regional.

Assim, uma leitura atenta das dimensões acima mencionadas indica que os atores estatais do EMGF têm, de um modo geral, abraçado o desenvolvimento de certas normas transnacionais que foram adaptadas ao

quadro do EMGF. No entanto, tornaram-se necessariamente obstáculos à concretização dos interesses energéticos da região como um todo, pondo em causa a viabilidade a longo prazo do EMGF.

Questões e Preocupações

À medida que a ‘governança multiescala’ ganha força no campo dos mercados e infraestruturas de energia, a adaptabilidade dos vários atores estatais e não estatais às várias normas, regras e valores de uma atividade econômica desempenha um papel fundamental na definição do novo papel de soberania em EPI (Belyi, 2015). De acordo com a nova economia institucional, uma abordagem de escolha racional limitada é aplicada na definição de instituições que podem ser derivadas de um contexto social ou econômico (Raudla, 2014). Assim, o tema principal que decorre dos objetivos do Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental tem sido a segurança energética atrelada à necessidade de garantir a segurança regional (State Information Service, 2020). Como as normas, regras e valores transnacionais podem encontrar aceitação em certas partes do mundo ou em certas comunidades e empresas especializadas (Belyi, 2015), o desenvolvimento das mesmas quando se trata do EMGF parece distorcido, dado que os interesses dos Estados membros pairam sobre os interesses de não membros. Isso foi explicado nas arenas abaixo mencionadas.

Critérios de associação

Os laços relacionados com as infraestruturas energéticas contribuíram significativamente para o estabelecimento dos critérios de adesão ao EMGF. Começando com o Egito, o principal ator na região, sua posse do Arab Gas Pipeline, gasoduto SUMED, bem como as duas infraestruturas de GNL em Idku e Damietta (Stonaker 2010) beneficiaram clientes como a França e a Jordânia. Isso abriu a candidatura dos três para se tornarem membros do EMGF. O acordo de eletricidade da Palestina de 2016 com Israel, suas importações de eletricidade do Egito e as perspectivas associadas ao campo de gás da Marina de Gaza encontraram autorização quanto ao pedido de adesão da Palestina ao EMGF (OQ, s.d.). As bases da Grécia em infraestrutura de energia foram reconhecidas pela presença do *TransAdriatic Pipeline* (TAP), uma extensão do TANAP (*Trans-Anatolian gas pipeline*) que passa pela Turquia (Tagliapietra, 2020). Com a UE olhando para a diversificação energética da Turquia e dada a incapacidade de Israel e Chipre em possuir infraestrutura

energética, a UE, ao comissionar o gasoduto EMG, procurou transportar volumes semelhantes aos do TAP (Eran, 2019).

A decisão de construir o gasoduto EMG da costa de Israel para a Grécia e, em seguida, da Itália para a Europa durante as cúpulas trilaterais entre Grécia, Chipre e Israel foi a gota d'água para colocar os esses Estados no espectro da adesão ao EMGF. Esses desenvolvimentos, no entanto, vêm com uma ressalva quando se trata de desenvolver um mercado regional de gás com a Turquia, Líbia, Síria e Líbano. Ao ignorar a riqueza de projetos de infraestrutura de energia da Turquia, como TANAP, *TurkStream*, *BlueStream* incluindo energia renovável (Bechev, 2020; Livingston, 2018) ou a capacidade da Líbia em gerar petróleo e gás que é sessenta por cento de seu PIB total (The Economist, 2020) ou a perspectiva de hidrocarbonetos nas águas da Síria e do Líbano (Reuters, 2019; Aydintasbas et al. 2020), sua ausência de membros do EMGF indica o desenvolvimento de uma norma politicamente induzida. A norma para se desvencilhar de sistemas políticos hostis ou voláteis por natureza do ponto de vista de um economista institucional parece estruturar os incentivos do Estado membro na decisão dos custos e benefícios associados à assinatura de tal norma (Raudla 2014).

No entanto, em termos de EPI, tal norma definitivamente se baseia nos fundamentos energéticos da Turquia, Líbia, Síria e Líbano, parando de conceber a noção de um mercado de gás 'regional', conforme sublinhado nos objetivos do EMGF. À luz de tais fragilidades institucionais, o EMGF pode inspirar-se na OPEP (OPEP, s.d.) quando se trata de admissão de membros. O manual da OPEP tem sido fundamental para abrigar rivais importantes, como a Arábia Saudita e o Irã, bem como os outros grandes e pequenos estados petrolíferos, apesar de seus diferentes interesses nacionais (OPEP, s.d.). Assim, será um passo na direção certa se os Estados membros do EMGF se empenharem em corrigir uma das principais deficiências da instituição.

Desenvolvimento de recursos energéticos

Uma norma induzida politicamente, ao admitir membros para o fórum, também foi efetivamente aplicada ao considerar adjudicatários de contratos de exploração nos campos offshore da região. Com a italiana 'Eni desfrutando de uma participação de 50% no campo Bouri da Líbia' (S&P Global Platts, 2020), o fornecimento de energia para a Itália continuou, apesar dos desafios impostos pela conflito na Líbia (Villa, 2016). Como as transferências de melhores práticas continuam sendo uma prática padrão no campo da política energética (Belyi 2015), a proeza da Eni a levou a receber

contratos nos campos offshore do Chipre e Egito. Isso não impediu outras empresas internacionais, como Rosneft e Novatek (Rússia), Total (França) e Delek (Israel) de participar e ganhar contratos de exploração nos campos offshore do Egito, Chipre e Israel, respectivamente. Tais instâncias indicam as duras realidades por trás da formação de um sistema de valores baseado em parcerias de energia e segurança.

França, Itália e Rússia são atores ativos no conflito na Líbia, bem como nos campos de petróleo offshore dos Estados membros do EMGF. Israel, por outro lado, devido aos seus sistemas militares superiores, ampliou sua base de apoio com a Grécia, Chipre e Egito (Lerman, 2019) em troca de cooperação na exportação de gás natural por meio de um gasoduto compartilhado. Como a dissuasão da Turquia continua a ser fundamental para os interesses do EMGF, o apoio aéreo e naval francês para monitorar as atividades da Turquia (Kohler, 2020) e o teste de mísseis *sea-to-sea* de Israel (The Times of Israel, 2020) para alertar a Turquia, testemunham a fidelidade dos membros do EMGF para salvaguardar o sistema de valores das parcerias energéticas e de segurança. Enquanto isso, a adoção desse sistema de valores permanece ausente dos acordos de exploração e produção dos Estados não membros como o GUN da Líbia para Itália (Eni) e Turquia, Líbano para França (Total) (Middle East Eye, 2021) e Rússia (Novatek) (NOVATEK, 2018), Síria para empresas petrolíferas russas (Mercury LLC e Velada LLC) (Reuters, 2019) e a Turquia para suas empresas estatais (Al Jazeera, 2020). O déficit de confiança da Líbia, Líbano, Síria e Turquia em se envolver com outras empresas petrolíferas na região decorre da relativa ausência de parcerias energéticas com os Estados membros do EMGF, levando-os a favorecer as empresas petrolíferas de seus respectivos provedores de segurança regionais no desenvolvimento de seus recursos energéticos. Assim, o sistema de valores acima mencionado não é propício para todos os membros da região do Mediterrâneo Oriental, questionando assim a fundamentalidade do EMGF como sendo um representante da região como um todo.

Normas da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS)

As normas estabelecidas pela UNCLOS (Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar) têm gerado conflitos na região do Mediterrâneo Oriental (Stocker, 2012). Os recentes acordos de delimitação marítima assinados entre a Itália e a Grécia e entre Chipre, Egito e Israel estão de acordo com as normas e princípios estabelecidos pela UNCLOS (Sotiriou, 2020).

Embora Israel seja o único não signatário da UNCLOS, ele sempre prometeu respeitar as aspirações regionais durante as cúpulas trilaterais (Sotiriou, 2020), bem como durante as negociações do EMGF (Macaron, 2019), que foram fundamentais para incluir Israel no âmbito do EMGF. Além disso, com as aberturas da Grécia à Líbia para estabelecer uma comissão para finalizar as zonas marítimas (Greek City Times, 2020), o desenvolvimento de uma regra transnacional conforme declarado por Belyi se reflete na delimitação marítima do Mar Mediterrâneo Oriental em termos de desenvolvimento de recursos energéticos.

No entanto, há uma deficiência substantiva na criação desta norma devido à digressão do princípio emancipado na Parte XV da UNCLOS. A Parte XV apela ao recurso à resolução alternativa de litígios para resolver problemas relativos à delimitação de zonas marítimas (Sotiriou, 2020), o que não foi o caso da Grécia, Chipre ou Egito, evidente na sua incapacidade de atenuar as tensões com a Turquia. Como a Turquia perdeu a oportunidade de negociar acordos de delimitação marítima com a Grécia, Chipre e Egito (Tsukerman, 2020), ela optou por negociar um acordo de delimitação marítima com um outro Estado não signatário da UNCLOS, o Governo de União Nacional da Líbia (Sotiriou, 2020).

Por outro lado, enquanto Israel afirma respeitar o direito internacional durante o delineamento marítimo das fronteiras que disputa com o Líbano, um signatário da UNCLOS permanece sem solução (Prontera e Mariusz 2017). Isso destaca o limitado poder de barganha de países como o Líbano ou a Líbia em relação à Turquia, indicativo do seu silêncio em relação aos esforços de delimitação marítima na região, lançando luz sobre a falta de consenso com as normas da UNCLOS na região. Assim, o fechamento das portas para a participação no mercado regional de gás em evolução com base nas normas da UNCLOS permanece distorcido. Consequentemente, a visível interrupção dos planos dos membros do EMGF em obter uma moeda de troca na geoeconomia da região com base em seus fundamentos energéticos mostra um alerta precoce. Portanto, esforços devem ser feitos para construir um consenso quanto ao delineamento das fronteiras marítimas no Mar Mediterrâneo Oriental, inspirando-se em costumes, precedentes e outras fontes do direito internacional (Hasan et al. 2019) para além da UNCLOS unicamente.

Assim, mecanismos adequados para setores específicos devem ser empregados pelos Estados membros do Fórum para iniciar um diálogo com outras economias em dificuldade na região, a fim de aumentar a eficácia do EMGF como um símbolo de cooperação energética, tanto na letra quanto no espírito.

Conclusão

A criação do EMGF foi um passo na direção certa, especialmente em uma região que continua conhecida por seus conflitos voláteis. O EMGF, embora tenha amarras baseadas na cooperação energética e nas preocupações de segurança regional, também sofre de fragilidades institucionais. Isso se deve, de fato, à sua tenra idade como organização em relação às outras organizações regionais. Como a resiliência do EMGF ainda precisa ser testada, a reestruturação do EMGF é justificada para colocar uma frente unida contra a forte concorrência dos outros grandes atores energéticos. Isso só pode ser alcançado por meio de mecanismos destinados a atenuar as tensões na região que, por sua vez, afetam tanto o EMGF quanto os investimentos existentes e futuros da região. Relativo ao conflito na Líbia, assiste-se a uma situação de cabo-de-guerra entre as duas potências fundamentais da região – o Egito e a Turquia.

No entanto, como as possibilidades de reaproximação permanecem abertas após a retirada do bloqueio do Conselho de Cooperação do Golfo (o Egito era um dos apoiadores) contra o Catar, que tem sido o fervoroso defensor da Turquia (Kabbani, 2021), é prudente o suficiente pensar a importância geoestratégica do Egito e da Turquia, como portas de entrada de energia, devendo ser utilizada para abrigar parcerias energéticas bilaterais e multilaterais com os outros Estados regionais. Por exemplo, a extensão do Gasoduto Árabe através da Síria, Líbano e para a Turquia (AFESD, s.d.) pode desencadear bases energéticas destes países que não são membros do EMGF.

Tais cenários podem ajudar a construir melhores relações entre os territórios onde os gasodutos serão construídos, pois os incentivos associados à política de gasodutos continuam sendo uma área potencial de pesquisa nesta região. Assim, as tendências de abrigar interdependências positivas aliadas à herança dos Estados membros em corrigir as deficiências acima mencionadas podem se revelar fundamentais para deixar o EMGF crescer como um raio de esperança para a região.

REFERÊNCIAS

“A new EU military operation in the Mediterranean: Irini is born to enforce Libya arms embargo.” 2020. EEAS, April 1. https://eeas.europa.eu/headquarters/headquarters-homepage/76869/new-eu-military-operation-mediterranean-irini-born-enforce-libya-arms-embargo_en

- “Agreement on the development of the electricity sector in Egypt.” 2020. AFD, June 16. <https://www.afd.fr/en/actualites/agreement-development-electricity-sector-egypt>
- Alterman, Jon B., Heather A. Conley, Donatienne Ruy, and Haim Malka. Report. 2018. “Restoring the Eastern Mediterranean as a U. S Strategic Anchor.” Center for Strategic & International Studies (CSIS), May 22. Accessed August 10. https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/180521_Alterman_RestoringEasternMediterranean_Web.pdf?3Bj0Cb7TeG.alH.R52OTzqyyrk3lH3zR
- Antonopoulos, Paul. 2020. “Libya to set up commission to finalise maritime zones with Greece.” Greek City Times, July 04. <https://greekcitytimes.com/2020/07/04/libya-to-set-up-commission-to-finalise-maritime-zones-with-greece/>
- Arab Fund for Economic and Social Development (AFESD). 2021. “Natural Gas: Projects & Operations.” AFESD. Accessed February 21, 2020. <http://www.arabfund.org/Default.aspx?pageId=457>
- Arab Republic of Egypt, General Authority for Investment and Free Zones. 2020. “Egypt Vision 2030.” Arab Republic of Egypt, General Authority for Investment and Free Zones. Accessed June 19, 2020. <https://www.investinegypt.gov.eg/English/Pages/WhyEgypt.aspx>
- Arafa, Mohamed, and Mieczyslaw Boduszynski. 2017. “Understanding Egyptian Policy Toward Libya.” Tahrir Institute for Middle East Policy, March 28. Accessed 7 June 2020. <https://timep.org/commentary/analysis/understanding-egyptian-policy-toward-libya/>
- Aydintasbas, Asli, Julien Barnes-Dacey, Cinzia Bianco, John V. Bowlus, Hugh Lovatt, Tarek Megerisi, and Prof. Michaël Tanchum. 2020. “Deep Sea Rivals: Europe, Turkey, And New Eastern Mediterranean Conflict Lines” European Council on Foreign Relations. Accessed 15 June 2020. https://www.ecfr.eu/specials/eastern_med
- Bechev, Dimitar. 2020. “Liquefied Natural Gas: A Game Changer for Turkey?” Middle East Institute, July 31. Accessed 5 August 2020. <https://www.mei.edu/publications/liquefied-natural-gas-game-changer-turkey>
- Belyi A.V. 2015. “Energy in International Political Economy.” In *Transnational Gas Markets and Euro-Russian Energy Relations*, 9-39. London: Palgrave Macmillan. Doi: https://doi.org/10.1057/9781137482983_2
- Adamides, Constantinos, and Christou, Odysseas. 2015. “Energy Security and the Transformation of Regional Securitization Relations in the Eastern Mediterranean.” In: *Societies in Transition*, edited by

- Katsikides S., Koktsidis P., 189-205. Cham: Springer. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-319-13814-5_9
- Cingoli, Janiki. Report. Istituto Affari Internazionali (IAI), 2016. Accessed August 10, 2020. Doi: www.jstor.org/stable/resrepo9795
- East Mediterranean Gas Forum (EMGF) (Foreign Relations: In'l Organizations, State Information Service, Egypt; Accessed May 19, 2020) <https://sis.gov.eg/section/52/9458?lang=>
- “EastMed pipeline project seeks offshore EPCI players in tender.” 2020. Energy Egypt, April 30. <https://energyegypt.net/eastmed-pipeline-project-seeks-offshore-epci-players-in-tender/>
- “Egyptian, Greek and Cypriot armed forces launch military exercise Medusa 9.” 2019. Greek City Times, November 5. <https://greekcitytimes.com/2019/11/05/egyptian-greek-cypriot-armed-forces-launch-military-exercise-medusa-9/>
- Egypt...A regional energy center in East Mediterranean (Issues, State Information Service, Egypt; Accessed May 19, 2020) <https://www.sis.gov.eg/section/0/8363?lang=en-us>
- “Egypt agrees to pay Israel \$500 million to end gas dispute.” 2019. The Times of Israel, June 17. <https://www.timesofisrael.com/egypt-agrees-to-pay-israel-500-million-to-end-gas-dispute/>
- Egypt's efforts to resolve Libyan crisis (Issues, State Information Service, Egypt; Accessed May 19, 2020) <https://www.sis.gov.eg/section/0/9396?lang=en-us>
- Ellinas, Charles. 2019. “East Med Gas: The Impact of Global Gas Markets and Prices.” IAI Commentaries 19 |16. Doi: <https://www.iai.it/sites/default/files/iaicom1916.pdf>
- “EMGF The 3rd Meeting of the Consulting Committee of Gas Industry Via Video Conference.” 2020. Ministry Of Petroleum And Mineral Resources, May 18. https://www.petroleum.gov.eg/en/media-center/news/news-pages/Pages/mop_18052020_01.aspx
- Energy Resource Guide - Egypt - Oil and Gas (2020 edition, International Trade Administration; Accessed May 19, 2020). <https://www.trade.gov/energy-resource-guide-egypt-oil-and-gas>
- Erlanger, Steven. 2020. “Rising Tensions Between Turkey and Greece Divide E.U. Leaders.” The New York Times, August 27. <https://www.nytimes.com/2020/08/27/world/europe/greece-turkey-eu.html>
- “EuroAfrica Interconnector selects SIEMENS for “EuroAfrica Interconnector VSC Converter Station.” 2020. EuroAfrica Interconnector, April 28.

- <https://www.euroafrica-interconnector.com/converterstation/>
- “EuroAfrica Interconnector welcomes joint declaration adopted at Cyprus-Greece-Egypt 7th Trilateral Summit in Cairo recognising framework agreement for Egypt, Cyprus and Greece electricity grid.” 2019. EuroAfrica interconnector, October 11. <https://www.euroafrica-interconnector.com/7thtrilateralcairo/>
- Fouad, Ahmed. 2019. “Egypt’s support for Hifter could cost it work in Libya.” Al-Monitor, May 12. <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2019/05/egypt-reconstruction-libya-support-hifter-gna.html>
- Galal, Rami. 2019. “Egypt moves into position as regional energy hub.” Al-Monitor, December 26. <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2019/12/egypt-electricity-export-africa-gerd-low-price-ethiopia.html>
- “Greece FM thanks Israel for its clear position on the issue of Turkey’s violations.” 2020. Greek City Times, August 13. <https://greekcitytimes.com/2020/08/14/greek-fm-thanks-israel-for-its-clear-position-on-the-issue-of-turkeys-violations/>
- Hasan, Md. Monjur, He Jian Md., Wahidul Alam, and K M Azam Chowdhury. 2019. “Protracted maritime boundary disputes and maritime laws” *Journal of International Maritime Safety, Environmental Affairs, and Shipping* 2 (2): 89-96.
- Doi: <https://doi.org/10.1080/25725084.2018.1564184>
- Henderson, Simon. Report. German Marshall Fund of the United States. 2014. Accessed 28 May 2020. Doi: <http://www.jstor.org/stable/resrep18726>.
- “Israel and Lebanon’s border dispute could give the UAE a Mediterranean foothold.” 2021. Middle East Eye, February 13. <https://www.middleeasteye.net/news/uae-israel-lebanon-gas-mediterranean-foothold>
- “Israel approves EastMed Pipeline Deal.” 2020. Greek City Times, July 18. <https://greekcitytimes.com/2020/07/21/israel-approves-eastmed-pipeline-deal/>
- “Israel begins exporting natural gas to Egypt.” 2020. Al Jazeera, January 15. <https://www.aljazeera.com/economy/2020/1/15/israel-begins-exporting-natural-gas-to-egypt>
- “Israel-Cyprus-Greece 5th Trilateral Summit Declaration (Beersheba December 20th, 2018)” 2018. Embassy of Greece in Israel, December

21. <https://www.mfa.gr/missionsabroad/en/israel-en/news/israel-cyprus-greece-5th-trilateral-summit-declaration-beersheba-december-20th-2018.html>
- “Joint Declaration of the 7th Egypt – Cyprus – Greece Trilateral Summit, Cairo, October 8th, 2019.” 2019. Press and Information Service, Cyprus, October 09. <https://www.pio.gov.cy/en/press-releases-article.html?id=10013#flat>
- Kabbani, Nader. 2021. “The blockade on Qatar helped strengthen its economy, paving the way to stronger regional integration.” Brookings, January 19. Accessed 21 February 2021. <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2021/01/19/the-blockade-on-qatar-helped-strengthen-its-economy-paving-the-way-to-stronger-regional-integration/>
- Kohler, Alex. 2020. “Cyprus Or “The Great Game in The Eastern Mediterranean.” European Pirate Party, January 28. Accessed 20 June 2020. <https://european-pirateparty.eu/cyprus-or-the-great-game-in-the-eastern-mediterranean/>
- Eljarh, Mohamed. 2020. “Libya’s Legitimacy Crisis: Hostage to the Skhirat Agreement.” Russian International Affairs Council (RIAC), June 9. Accessed 20 June 2020. <https://russiancouncil.ru/en/analytics-and-comments/analytics/libya-s-legitimacy-crisis-hostage-to-the-skhirat-agreement/>
- Leigh, Michael, and Charlotte Brandsma. Report. German Marshall Fund of the United States, 2012. Accessed 28 May 2020. Doi: www.jstor.org/stable/resrep18836
- Lerman, Eran. 2019. “Emerging Israeli Perspectives and the Mediterranean Future: Grand Strategy and National Identity.” In *The New Eastern Mediterranean*, edited by Litsas S.N. and Tziampiris A., 139-150. Cham: Springer. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90758-1_8
- “Libya ceasefire plan proposed by Egyptian president Abdel Fattah el-Sisi to end civil war.” 2020. ABC NEWS, June 07. <https://www.abc.net.au/news/2020-06-07/libya-ceasefire-plan-proposed-by-egyptian-government-to-end-war/12330412>
- “Libya’s government regains control of western Libya.” 2020. *The Economist*, June 11. <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2020/06/11/libyas-government-regains-control-of-western-libya>
- Lindenstrauss, Gallia, Sarah J. Feuer, and Ofir Winter. Report. Institute for National Security Studies, 2019. Accessed May 28, 2020. Doi: www.jstor.org/stable/resrep23503

- Litsas, Spyridon N. 2018. "New Strategic Dimensions of the Eastern Mediterranean." Begin Sadat Center For Strategic Studies, June 11. Accessed 20 June 2020. <https://besacenter.org/perspectives-papers/eastern-mediterranean-strategy/>
- "LIVE UPDATES: The 1st Arab League-European Union Summit in Sharm al-Sheikh." 2019. Egypt Today, February 24. <https://www.egypttoday.com/Article/1/65176/LIVE-UPDATES-The-1st-Arab-League-European-Union-Summit-in>
- Livingston, David. 2018. "Renewable Energy Investment in Turkey: Between Aspiration and Endurance." Turkish Policy Quarterly, November 27. Accessed 1 June 2020. <http://turkishpolicy.com/article/933/renewable-energy-investment-in-turkey-between-aspiration-and-endurance>
- Macaron, Joe. 2019. "The Eastern Mediterranean Gas Forum Reinforces Current Regional Dynamics." Arab Center Washington DC, January 25. Accessed 20 June 2020. http://arabcenterdc.org/policy_analyses/the-eastern-mediterranean-gas-forum-reinforces-current-regional-dynamics/
- Mahmoud, Rasha. 2020. "Egypt to export electricity to Saudi Arabia." Al-Monitor, May 2. <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2020/05/egypt-saudi-arabia-interconnection-electricity-energy-hub.html>
- Markind, Daniel. 2020. "Political Tensions Rise Over Rights To Mediterranean Natural Gas Bonanza." Forbes, February 07. <https://www.forbes.com/sites/danielmarkind/2020/02/07/will-natural-gas-tensions-in-the-eastern-mediterranean-lead-to-armed-conflict/#37eeb2d634c7>
- Mühlberger, Wolfgang. 2016. "Egypt's Foreign and Security Policy in Post-R2PLibya." The International Spectator 51(2): 99-112, Doi: <https://doi.org/10.1080/03932729.2016.1172864>
- Noha, El Tawil. 2020. "We may need to request Egyptian Armed Forces intervention: Libyan Speaker." Egypt Today, January 12. <https://www.egypttoday.com/Article/2/79573/We-may-need-to-request-Egyptian-Armed-Forces-intervention-Libyan>
- "NOVATEK Signs Exploration and Production Agreements in Lebanon." 2018. NOVATEK, February 09. http://www.novatek.ru/en/press/releases/index.php?id_4=2203
- Office of the Quartet Representative (OQ). 2021. "Energy: Focus Areas." OQ. Accessed February 21, 2020. <http://www.quartetoffice.org/page.php?id=5e1e7ay6168186Y5e1e7a>
- OPEC (Organization of the Petroleum Exporting countries). 2020. "Brief

- History.” OPEC. Accessed June 19, 2020. https://www.opec.org/opec_web/en/about_us/24.htm
- Pedersen, Jesper Packert. Bolstering European Energy Security. Report. German Marshall Fund of the United States, 2014. 19-23. Accessed 1 June 2020.
- Doi: <http://www.jstor.org/stable/resrep18986.9>
- Pedi R., and Kouskouvelis, I. 2019. “Cyprus in the Eastern Mediterranean: A Small State Seeking for Status.” In *The New Eastern Mediterranean*, edited by Litsas S.N. and Tziampiris A., 151-167. Cham: Springer. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90758-1_9
- Piera, Alessandra. 2020. “Zohr And the Energy Map of Mediterranean: An Outlook For Europe’s Future Energy Landscape.” ENI, April 07. Accessed 5 June 2020.
- <https://www.eni.com/en-IT/global-energy-scenarios/zohr-and-energy-map-of-mediterranean.html>
- Pinko, Eyal. 2020. “Turkey’s Maritime Strategy Ambitions: The Blue Homeland Doctrine (Mavi Vatan)” International Institute for Migration and Security Research, March 03. Accessed 20 June 2020. Doi: <https://iimsr.eu/2020/03/31/turkeys-maritime-strategy-ambitions-the-blue-homeland-doctrine-mavi-vatan/>
- Prontera, Andrea, and Mariusz Ruszel. 2017. “Energy Security in the Eastern Mediterranean.” *Middle East Policy* 24 (3). Doi: <https://mepc.org/journal/energy-security-eastern-mediterranean>
- Raudla R. (2014) Institutional Economics. In: Backhaus J. (eds) *Encyclopedia of Law and Economics*. Springer, New York, NY. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-7883-6_56-1
- Selection of SIEMENS AG as the Preferred Bidder for the award of the contract of PCI 3.10 “EuroAsia Interconnector VSC HVDC Converters.” 2020. EuroAsia interconnector, March 27. <https://euroasia-interconnector.com/preferredbidder/>
- “Share of renewable energy in total power generated in Egypt to remain the same in 2020.” 2020. Egypt Today, May 11. <https://www.egypttoday.com/Article/3/86635/Share-of-renewable-energy-in-total-power-generated-in-Egypt>
- Soliman, Amany. 2011. “The Euro Med Partnership and the Arab Israeli Conflict.” ICSR Atkin Paper Series. doi: https://icsr.info/wp-content/uploads/2011/10/1319713913ICSR_AtkinPaperSeries_AmanySoliman.pdf

- Sotiriou, Stylianos A., 2020. "Creating norms around the Eastern Mediterranean energy resources as a necessary means of security." *European Security* 29 (2): 235-253. Doi: 10.1080/09662839.2020.1722643.
- Stivachtis, Y.A. 2019. "Eastern Mediterranean: A New Region? Theoretical Considerations." In *The New Eastern Mediterranean*, edited by Litsas S.N. and Tziampiris A., 45-59. Cham: Springer. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90758-1_3
- Stocker, James. 2012. "No EEZ Solution: The Politics of Oil and Gas in the Eastern Mediterranean." *Middle East Journal* 66 (4): 579-97.
Doi: <http://www.jstor.org/stable/23361618>
- Stonaker, Mary E. 2010. "Energy Infrastructure As A Diplomatic Tool: The Arab Gas Pipeline." *Journal of Energy Security* December 2010 issue. Doi: http://www.ensec.org/index.php?option=com_content&view=article&id=270:energy-infrastructure-as-a-diplomatic-tool-the-arab-gas-pipeline-in-perspective&catid=112:energysecuritycontent&Itemid=367
- Stuart, Elliott. 2020. "East Mediterranean states launch founding framework of regional gas forum." S&P Global Platts, January 17. <https://www.spglobal.com/platts/en/market-insights/latest-news/natural-gas/011720-east-mediterranean-states-launch-founding-framework-of-regional-gas-forum>
- Tagliapietra, Simone. 2020. "Eastern Mediterranean Gas: What Prospects for the New Decade?" ISPI, February 21. Accessed 21 June 2020. <https://www.ispionline.it/it/publicazione/eastern-mediterranean-gas-what-prospects-new-decade-25102>
- "The high-level working group of the Eastern Mediterranean Gas Forum holds its sixth meeting by videoconference." 2020. Ministry Of Petroleum And Mineral Resources, May 20. https://www.petroleum.gov.eg/ar-eg/media-center/news/news-pages/Pages/mop_20052020_01.aspx
- Tsukerman, Irina. 2020. "From Tripoli to Tripoli, Turkey's Real Aim Is Egypt." Begin-Sadat Center For Strategic Studies, September 08. Accessed 07 October 2020. <https://besacenter.org/perspectives-papers/turkey-target-egypt/>
- "Turkey's illegal drilling activities in the Eastern Mediterranean: EU puts two persons on sanctions list." 2020. Council of the EU, February 27. <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2020/02/27/turkey-s-illegal-drilling-activities-in-the-eastern-mediterranean-eu-puts-two-persons-on-sanctions-list/>
- Tziampiris, A. 2019. "The New Eastern Mediterranean as a Regional

- Subsystem.” In *The New Eastern Mediterranean*, edited by Litsas S.N. and Tziampiris A., 1-30. Cham: Springer. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-319-90758-1_1
- Villa, Matteo. 2016. “In for the Long Haul: Italy’s Energy Interests in Northern Africa” ISPI, May 30. Accessed 21 June 2020. <https://www.ispionline.it/it/publicazione/long-haul-italys-energy-interests-northern-africa-15198>
- Winter, Ofir, and Gallia Lindenstrauss. Report. Institute for National Security Studies. 2019. Accessed June 18, 2020. Doi: www.jstor.org/stable/resrep19476
- Wolfrum, Stefan. 2020. “Pipelines to swords: How Covid-19 shifted focus from energy cooperation to securitisation in the Eastern Mediterranean.” Observer Research Foundation, June 6. Accessed 8 June 2020. <https://www.orfonline.org/expert-speak/pipelines-swords-how-covid19-shifted-focus-energy-cooperation-securitisation-eastern-mediterranean/>
- Yahya, Marwa. 2020. “News Analysis: Egypt develops diplomacy to prevent foreign intervention in Libya: experts.” Xinhua, January 10. http://www.xinhuanet.com/english/2020-01/10/c_138694782.htm
- Yonah, Jeremy Bob. 2019. “Inside Intelligence: ‘Israel-Egypt cooperation key to beating back ISIS in Sinai.’” *The Jerusalem Post*, June 28. <https://www.jpost.com/arab-israeli-conflict/inside-intelligence-israel-egypt-cooperation-key-to-beating-back-isis-in-sinai-593925>
- Yousef, Saba. 2020. “Factbox: Egypt’s push to be east Mediterranean gas hub.” Reuters, January 15. <https://www.reuters.com/article/us-egypt-israel-gas-factbox/factbox-egypts-push-to-be-east-mediterranean-gas-hub-idUSKBN1ZE1ON>

RESUMO

O Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental (East Mediterranean Gas Forum — EMGF), uma organização regional nascente, está hoje na encruzilhada da cooperação regional. Formada após as descobertas de gás natural e os mecanismos bilaterais e multilaterais resultantes, a organização tem sido assolada por interdependências positivas e negativas na região. Essas interdependências destacam as preocupações energéticas e de segurança regional dos membros da região. À medida que as convergências sobre segurança energética e regional se desenrolam, as estruturas fundamentais do fórum apresentam rachaduras que levantam questões sobre sua relevância. O estudo procura, portanto, examinar a dinâmica da economia política internacional por trás da formação do EMGF, analisando a convergência das preocupações energéticas e de segurança regional dos atores estatais específicos da região.

PALAVRAS-CHAVE

Fórum de Gás do Mediterrâneo Oriental, Segurança Energética, Segurança Regional, Gasodutos, Zonas Econômicas Exclusivas.

Recebido em 19 de julho de 2022

Aprovado em 19 de dezembro de 2022

Traduzido por Felipe Werner Samuel